

DA FRAGILIDADE À FORÇA: A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE DE HILDEGARD VON BINGEN

From Fragility to Strength: The Construction of Hildegard Von Bingen's Authority

Ana Rachel G. C. de Vasconcelos¹

Mestra em Literatura e Interculturalidade (UEPB) e pesquisadora do BET: *Benditas Escritas Transgressora* (CNPq/UEPB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0990-6987>

E-mail: arachelgcv@gmail.com

Maria Simone Marinho Nogueira²

Professora Permanente do PPGLI (UEPB)

Líder e Pesquisadora do BET: *Benditas Escritas Transgressoras* (CNPq/UEPB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1141-3911>

E-mail: mar.simonem@gmail.com

Recebido em: 15/12/2025

Aprovado em: 23/12/2025

Resumo: Este artigo tem como foco Hildegard von Bingen (1098 - 1179) e sua autoridade singular. Mulher respeitada e influente no século XII, ela atuou na esfera pública em um período marcado pela rigidez hierárquica e pela predominância masculina em cargos de poder - façanha que provoca perplexidade, dúvidas e discussões ainda hoje, prova da importância e da atualidade do tema. O artigo demonstra que a construção da autoridade de Hildegard von Bingen ocorreu por uma convergência de fatores histórico-sociais, teológicos e discursivos. Inicia-se com uma exposição da vida de Hildegard, destacando eventos e falas marcantes que ilustram sua autoridade; em seguida, investiga-se as raízes e os desdobramentos da sua autoridade, especialmente a utilidade de seu discurso para a Igreja Católica. Por último, destaca-se que o próprio Cristianismo apresenta em seu âmago a abertura que propiciou o surgimento de autoridades femininas na Idade Média e explica-se como Hildegard usou a fraqueza como fundamento de sua autoridade.

Palavras-chave: Autoridade feminina; Hildegard von Bingen; Mulher medieval; Idade Média; Século XII.

Abstract: This academic article focuses on Hildegard von Bingen (1098–1179) and her singular authority. A respected and influential woman in the twelfth century, she acted publicly in a period marked by strict hierarchical structures and the predominance of men in positions of power—a feat that still provokes perplexity, questions, and debate today, demonstrating both the importance and the contemporary relevance of the topic. The article argues that Hildegard von Bingen's authority emerged from a convergence of historical-social, theological, and discursive factors. It begins with an account of Hildegard's life, highlighting significant events and key statements that illustrate her authority; it then examines the roots and developments of that authority, especially the usefulness of her discourse for the Catholic Church. Finally, it emphasizes that Christianity itself contains, at its core, an openness that enabled the rise of female authorities in the Middle Ages, and it explains how Hildegard used weakness as the foundation of her authority.

Keywords: Female Authority; Hildegard of Bingen; Medieval Woman; Middle Ages; 12th Century.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1970 tem havido um florescimento nos estudos das autoras medievais e de suas obras. Abordagens interdisciplinares têm propiciado enfoques inéditos e, dentre outros fatores, a busca por dar maior visibilidade, reconhecimento e por posicionar as mulheres de modo mais justo na história, na filosofia, na teologia e nas artes, junto à crescente presença de mulheres na academia e aos estudos feministas (Cf. Elliott, 2010). Tudo isso tem suscitado mais traduções, edições críticas e estudos aprofundados acerca destas autoras e de suas obras, comumente classificadas como de literatura ou espiritualidade medieval.

A renovação ocorrida nos estudos históricos, com a Escola dos Annales e sua abordagem sobre as mentalidades, aconteceu também em outras áreas do saber, que têm, cada vez mais, voltado-se para as fontes medievais, promovido novas discussões, feito descobertas e análises inovadoras, e demonstrado a importância de autoras e obras outrora ignoradas ou propositalmente desprezadas.

É certo que no século XIX edições e traduções importantes foram feitas, tornando mais acessíveis e atrativos os textos das autoras medievais, mas apenas com a revitalização da pesquisa promovida pelos mais recentes estudos foram abertas “linhas de pesquisa complexas e interessantes sobre a vida das mulheres medievais em todos os níveis sociais, examinando as relações que elas desenvolveram dentro e em resposta a várias instituições, especialmente a ampla variedade de organizações cristãs” (Cf. Garber, 2003).

A profusão de cópias destes textos, a devoção dos medievais às autoras, a fama, a liberdade e a influência que estas mulheres, com alguma frequência, chegaram a ter, e a mística como um meio através do qual as mulheres tiveram abertura para entrar no discurso público, são alguns dos motivos pelos quais as autoras medievais vêm chamando a atenção dos estudiosos nas últimas décadas. A mulher medieval tem sido reconhecida como sujeito legítimo de pesquisa, não mera figura secundária ou rápida inserção em histórias masculinas por autoras como Joan Ferrante, Barbara Newman, Kathryn Kerby-Fulton, Caroline Walker Bynum e Amy Hollywood.

Se num primeiro momento, quando se ouve falar em mulheres medievais, pode-se imaginar uniformidade de vida, gostos, crenças, ações e pensamentos, supostamente promovidos pela centralidade da religião em suas vidas, a realidade das pesquisas mostra o exato oposto: quanto mais nos aprofundamos no estudo dessas autoras, mais observamos histórias, perfis, gostos, personalidades e modos de agir e pensar singulares. O mencionado florescimento nos estudos das autoras medievais e de suas obras tem demonstrado precisamente isto: “seus textos revelam não um canto monofônico, mas uma polifonia de vozes”(Garber, 2003, p.1), que “também incluem algumas dissidentes notas destoantes” (ibid.).

Nos territórios alemães, entre os séculos XI-XIV, viveram muitas mulheres notáveis, como Elisabeth von Schönaue, Hedwig von Schlesien, Elisabeth von Thüringen, Mechthild von Magdeburg, Margaret von Magdeburg, Mechthild von Hackeborn, Christina von Stommeln, Gertrud von Helfta, Christina Ebner, Margaret Ebner, Elisabeth Stagel, Adelheid Langman, Agnes Blannbekin, Dorothea von Montau e Hildegard von Bingen (Cf. Müllder-Bakker, 2010). Esta última é uma das mais famosas, pela autoridade e influência que chegou a ter em vida, e pela qualidade e diversidade de obras deixadas.

Hildegard é autora de livros visionários e médicos, músicas, um auto sacro, cartas, homilias, uma língua, um alfabeto, comentários e biografias. Em um período marcado pela rigidez hierárquica e pelo predomínio masculino na esfera pública - tanto na produção intelectual, como na Igreja e no governo -, ela atuou com uma liberdade não facilmente encontrada nas histórias de mulheres do século XII. Ela foi uma figura de grande autoridade espiritual, aconselhando prelados e soberanos, pregando em diversas cidades e, como já mencionado, deixando uma vasta e diversificada produção intelectual.

Frequentemente, fez denúncias e advertências contra papas e soberanos, mas sem enfrentar grandes boicotes, perseguições e tentativas de silenciamento. Sem romper com a ordem estabelecida, ela ousou impor-se dentro da estrutura eclesiástica em nome de Deus, em defesa da Igreja e de acordo com o que entendeu ser a sua missão. Agindo como professora, conselheira, visionária, pregadora, exorcista e profetisa, a autora construiu uma forma singular de exercício de autoridade, enraizada na experiência mística e legitimada pela atuação profética.

O modo como Hildegard agiu e a influência que alcançou são causas de incompreensão e estranhamento até hoje, por isso convém refletir e fazer apontamentos a este respeito, visto que a construção da sua autoridade ocorreu por uma convergência de fatores histórico-sociais, teológicos e discursivos e, para ela, foi possível atuar como um meio para a propagação da revelação divina e como um norte para os seus contemporâneos. Este artigo, portanto, aborda as raízes e os desdobramentos da autoridade de Hildegard von Bingen.

Inicialmente, é apresentado um resumo da vida dela, detalhando eventos marcantes, como a aprovação papal, a mudança para Rupertsberg, o exorcismo, as viagens, troca de cartas com autoridades e o interdito sofrido pelo seu mosteiro no final da vida. Em seguida, são expostas algumas das circunstâncias da época e percepções comuns, dentre os religiosos, que tornaram possível - e até desejável - a atuação pública de Hildegard. Por último, trazendo à tona a estrutura do próprio Cristianismo, defende-se que ele apresenta em si mesmo a abertura que propiciou o surgimento de autoridades femininas na Idade Média, como a de Hildegard, que usou a fraqueza como argumento para justificar a sua autoridade.

1. HILDEGARD VON BINGEN: VIDA E AUTORIDADE

Hildegard von Bingen nasceu em 1098 e, ainda criança, aos oito anos, foi entregue aos cuidados de Jutta von Sponheim, anacoreta que tinha fama de santidade, pelo estilo de vida austero, pela humildade, sabedoria e pelas curas que fazia. Com Jutta, Hildegard decorou os Salmos, aprendeu a cantar o ofício beneditino, descobriu as propriedades das plantas e entendeu como cuidar dos doentes (Cf. Dietrich, 1997).

Em 1136, com a morte de Jutta, Hildegard foi eleita, por unanimidade, abadessa do mosteiro duplo beneditino de Disibodenberg. Até poucos anos depois, viveu discreta e tranquilamente com as outras monjas. Em 1141, aos 42 anos e sete meses, tudo mudou: Hildegard passou por uma experiência extraordinária e começou a ter a série de visões que originaria seu primeiro livro visionário, *Scivias* (Pernoud, 1996).

Estas visões, diferentemente das que ela tinha desde a infância, vieram acompanhadas da ordem para que ela as divulgasse antes mesmo de cessarem³. Deste modo, ela enxergou nestas visões uma dimensão profética (Dietrich, 1997) e viu a necessidade de um comprometimento com a missão de divulgá-las que não havia tido até então.

Inicialmente, com dúvidas quanto à procedência das visões e à conveniência da divulgação, permaneceu calada. No entanto, por não ter feito o que a Luz Viva havia ordenado⁴, caiu doente. Por este motivo, decidiu consultar Bernard de Clairvaux, o homem mais famoso e influente da época. Em pouco tempo, Hildegard recebeu a resposta de Bernard - uma breve carta na qual ele a felicita pelo dom recebido - e uma carta do próprio Papa, incentivando-a a continuar escrevendo a obra e a divulgar as visões (Cf. Hildegard von Bingen, 2001).

No mesmo período, entre 1146 e 1148, quando o *Scivias* ainda não estava terminado, Bernard de Clairvaux e o Papa Eugênio estiveram nas proximidades de Disibodenberg, em Trier, para um sínodo. Durante o sínodo, o manuscrito inacabado de Hildegard foi lido em voz alta (Cf. Newman, 1998) e endossado pelas autoridades presentes (Cf. Pernoud, 1996). A aprovação papal conferiu a Hildegard reconhecimento eclesial, fama internacional, um amplo público e muita influência (Cf. Dietrich, 1997). Assim tem início a atuação pública de Hildegard, que duraria até o fim de sua vida.

Poucos anos após a aprovação papal, em 1150, Hildegard recebeu de Deus uma ordem para deixar o mosteiro de Disibodenberg e fundar o mosteiro feminino de Rupertsberg⁵. Ela não revelou isto e, como castigo, ficou gravemente doente (Cf. Newman, 1998). Após enfrentar a resistência do abade, dos monges, de freiras e de pessoas comuns, ela conseguiu a autorização⁶ para se mudar e foi curada (Cf. Flanagan, 1989).

Neste período de fundação e estabelecimento no novo mosteiro, algumas freiras resistiram à mudança e até preferiram deixar o mosteiro de Hildegard. Richardis⁷ von Stade, por exemplo, apesar da pouca idade, foi para Bassum ser abadessa (Cf. Newman, 1998). Richardis é a freira que aparece junto a Hildegard na retratação de uma de suas visões. É a única mulher que aparece junto a Hildegard, nenhuma outra é mencionada ou retratada perto dela em obras posteriores (Cf. Fernández, 2009). Pela proximidade com Hildegard, provavelmente recebia dela maior instrução e atenção, sendo preparada para sucedê-la, como Jutta havia feito com Hildegard.

Não era incomum, portanto, que as pessoas, inclusive as freiras do seu próprio mosteiro, questionassem suas decisões. Hildegard chega a mencionar algumas críticas e, às vezes, as rebate, mas demonstra, em geral, não se preocupar com elas, por estar certa de que estava fazendo a vontade de Deus. Certa vez, comentando a insatisfação de seus contemporâneos, disse: “agora, para escândalo dos homens, as mulheres estão profetizando” (Kerby-Fulton, 2003, p. 351).

Em Rupertsberg, na produtiva década de 1150, Hildegard pôde dedicar-se mais às obras intelectuais e artísticas. Lá ela produziu grande parte de sua obra: terminou o *Scivias*, compôs *Ordo Virtutum*, a maior parte das músicas, escreveu os livros médicos, iniciou o *Liber Vitae Meritorum* e trocou muitas cartas com congregações⁸, líderes religiosos⁹ - inclusive arcebispos e papas¹⁰ -, reis, como Henry II e Conrad III¹¹, e o imperador Friedrich Barbarossa¹².

Nas Cartas, Hildegard exorta, denuncia, faz críticas, previsões e ameaças¹³. Em trechos dos livros visionários e num famoso sermão dirigido ao clero, a oratória apocalíptica, com que impactou o clero, também aparece, por exemplo: “Assim como uma serpente se esconde em uma caverna depois de trocar de pele, vocês andam na imundície como bestas repugnantes” (Hildegard von Bingen apud Kerby-Fulton, 2003, p. 365)

Nos anos seguintes, já com mais de sessenta anos, mantendo a troca de cartas, Hildegard faz ao menos quatro grandes viagens para pregar, a pedido do Papa, tanto para monges como para o povo em geral, promovendo a reforma monástica e combatendo os cátaros:

Por exemplo, em 1160, ela pregou publicamente na cidade catedral de Trier, ameaçando seus habitantes com vingança ardente, a menos que se arrependessem (como o povo de Nínive havia feito após os avisos de Jonas), e, por volta de 1163, ela se dirigiu ao clero e aos leigos juntos em Colônia, repreendendo os clérigos por sua falha em combater o catarismo (Minnis, 2010, p.53).

Ela ainda escreveu diversas obras menores, como biografias de santos e comentários, fundou outro mosteiro - do qual também se torna abadessa -, em Eibingen, fez um famoso exorcismo na jovem Sigewize, que estava possuída (Cf. Kerby-Fulton, 2015) e concluiu seu último livro visionário, *Liber Divinorum Operum*.

Hildegard foi uma espécie de celebridade em seu tempo e não enfrentou grandes problemas com a hierarquia eclesiástica até 1178 (Cf. Newman, 1998), quando desobedeceu a ordem de exumar e trasladar o corpo de um homem excomungado que estava enterrado no cemitério do mosteiro. Ela alegou que a excomunhão havia sido retirada e que recebeu do próprio Deus, numa visão, a confirmação de que ele estava reconciliado quando faleceu. O mosteiro sofreu um interdito com duas sanções cruéis, mas, mesmo desta situação, Hildegard saiu como vencedora: o interdito foi derrubado tempos depois sem que ela cedesse:

Em vez disso, ela mais uma vez recorreu à sua própria autoridade como profetisa, relatando sua visão. Hildegarda não apenas se recusou resolutamente a acatar as ordens de seus supostos “superiores”, como também os advertiu de que agir contra ela teria consequências catastróficas. É notável que, mais uma vez, Hildegarda precise apenas invocar suas visões como autoridade para suas severas manifestações (Sams, 2007, p. 17).

A importância de Hildegard e sua autoridade, ainda hoje, como já dito, causam surpresa, questionamentos e discussões. Como foi possível que uma mulher se tornasse conselheira de papas e imperadores? Como ela ousou enviar para homens poderosos mensagens fortes, de repreensão, em tom ameaçador, sem receber retaliações? Como ela pôde viajar, pregar e escrever livros teológicos, se este domínio era masculino?

2. A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE

Neste tópico, destaca-se que a grande fonte da autoridade de Hildegard é o próprio Deus. Em seguida, demonstra-se que o reconhecimento de Bernard de Clairvaux e do Papa Eugênio foram muito convenientes para que ela exercesse sem maiores problemas o seu ofício profético. O reconhecimento destas autoridades, no entanto, não aconteceria sem a verificação - e aprovação - da pessoa de Hildegard e do teor de sua mensagem.

A autoridade de Hildegard para atuar publicamente advém, em primeiro lugar, de Deus, em nome de quem ela fala. Desde o início, na carta enviada a Bernard de Clairvaux, e no prólogo do *Scivias*, fica claro que ela não escreve em nome próprio, mas que é uma porta-voz de Deus. A partir da experiência extraordinária ocorrida aos 42 anos, ela toma para si o papel de exortar, orientar, corrigir, ensinar e divulgar as revelações recebidas de Deus, acredita nisto e permanece o fazendo por toda a vida. Assim, fundamenta, primordialmente, a sua atuação sobre uma autoridade superior à dos homens. É Deus e a compreensão de que Ele se comunica com Hildegard, por meio de visões verdadeiras, a base fundamental sobre a qual a autoridade dela se assenta.

No entanto, para que as pessoas cressem na veracidade das mensagens, convinha que membros da hierarquia eclesiástica a reconhecessem como profetisa. Neste sentido, a atitude de Bernard de Clairvaux, de reconhecer Hildegard, apresentar as suas visões ao Papa e elogiá-la no Sínodo de Trier, foi fundamental para a autoridade dela ser aceita pelos religiosos e pelo povo, e para as revelações serem compreendidas como verdadeiramente provenientes de Deus.

Importa destacar que o reconhecimento das autoridades eclesiásticas atesta, para a instituição e para os católicos, que ela, de fato, fala em nome de Deus e deve ser ouvida. No entanto, antes de reconhecer a proveniência divina dos escritos e a autenticidade das experiências extraordinárias, as autoridades eclesiásticas analisaram a vida dela - os “frutos do Espírito”, pois não é possível ter verdadeiramente um contato direto e constante com Deus e viver desregradamente.

Assim, cumpre explicitar que a vida irrepreensível, seu profundo conhecimento bíblico, sua motivação, suas intenções, sua dedicação à comunidade, o teor das mensagens, as virtudes, os milagres e a correspondência entre o que prega e o que a Igreja Católica ensina, de certo modo, tornaram-na aceita - e necessária - para Igreja do século XII.

Hildegard já possuía, per se, autoridade perante a sua comunidade, pelo fato de ser abadessa. Ela já era uma mulher experiente, inserida numa ordem religiosa, respeitada pela comunidade, que desempenhava funções de liderança intramuros. E era digna de confiança, por ser virgem consagrada, uma mulher virtuosa. Desde a Antiguidade Cristã, nas histórias das mulheres mártires, as provações femininas, as ameaças à vida e à fé, aparecem ligadas a ataques à pureza e à castidade. Por isso, a virgindade passou a ser vista como uma condição essencial para a santidade feminina (Cf. Elliott, 2010) e as virgens, na Idade Média, eram privilegiadas, tinham autoridade e maior liberdade (Cf. Newman, 1998).

3. “MULIEBRE TEMPUS”, OS CÁTAROS E A CONVENIÊNCIA DA ATUAÇÃO HILDEGARDIANA

Após apontar as raízes da autoridade de Hildegard von Bingen, que a levaram, a partir dos 42 anos e 7 meses de idade, a atuar publicamente como mensageira, “porta-voz” de Deus (Cf. Kerby-Fulton, 2003), é preciso expor que a aprovação da autoridade de Hildegard von Bingen foi favorecida pela convergência estratégica de fatores históricos, sociais, teológicos e retóricos. Num período em que muitos, inclusive a própria Hildegard, percebiam uma profunda crise moral e intelectual no clero, a mensagem e autoridade dela mostraram-se muito importantes e convenientes em diversos aspectos, como se verá neste tópico.

Em primeiro lugar, havia uma profunda percepção de desordem e de decadência da sociedade, provocadas pela imoralidade, irreverência e ignorância dos homens religiosos - que deveriam viver exemplarmente e instruir corretamente o povo, mas sequer entendiam do que pregavam. A ascensão da Escolástica, com a Lógica ameaçando os domínios da Teologia; a noção de que não era preciso ser virtuoso para aprender e ensinar Teologia; a propagação da heresia cátara inclusive dentre do próprio clero; a corrupção, a simonia, o nicolaísmo; os grandes embates entre o poder temporal e o religioso, dentre outros fatores, para teólogos monásticos, em geral, resultavam em um diagnóstico não positivo.

Hildegard cria viver em “tempos afeminados”, expressão que é crítica aos problemas morais dos homens, à moleza daqueles, que estavam sendo guiados pelos vícios, tornando-se assim fracos. Eles não agiam de acordo com a vontade de Deus e com o próprio potencial, deixando uma lacuna que precisava ser preenchida, de modo que a conclusão lógica foi a seguinte: “em um mundo dominado por homens que se desviaram do caminho, mulheres, como ela, eram as novas portadoras da mensagem de Deus” (Cf. Kerby-Fulton, 2003).

Apenas em circunstâncias excepcionais as mulheres poderiam ensinar - a exemplo das profetisas do Antigo Testamento -, sendo elevadas acima dos homens, numa posição de superioridade pedagógica. Este era um modo de dar a eles, que haviam se tornado “afeminados”, uma lição (Cf. Minnis, 2010). Os homens eram criticados como tendo regredido à feminilidade (Elliott, 2010) e as mulheres, desde São Jerônimo e Santo Agostinho, eram exaltadas sendo chamadas de “viris”, ao transcenderem as supostas fragilidade e fraqueza femininas (Cf. Kerby-Fulton, 2003).

A noção de crise, em grande parte, decorrente da degradação masculina, portanto, favoreceu que a autoridade de Hildegard fosse reconhecida e sua atuação pública bem recepcionada. Deus precisou valer-se de alguém e foi conveniente uma “pobre mulherzinha” como ela, afinal, “a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Lucas 10,2). As mulheres profetisas, exceções, como Hildegard, tinham seus dons e sua autoridade para falar em público reconhecidos, pois sua ajuda era necessária, mas só até certo ponto e desde que não houvesse homens suficientes para realizar o ofício. Elas não desempenhavam funções exclusivas do clero. (Cf. Minnis, 2010).

Deste modo, fica claro que Hildegard, ao atuar publicamente, não estava pervertendo a ordem, colocando-se, enquanto mulher, acima dos homens, mas era uma exceção justificada apenas porque os tempos assim o requeriam (e Deus estava mandando). Ela só precisou falar porque os homens não estavam cumprindo seu papel. É necessário destacar isto, pois a sociedade medieval - não apenas ela, mas o próprio cosmos; os céus e a terra, o mundo espiritual e o físico - era estruturada a partir das noções de hierarquia, harmonia e ordem.

Hildegard cria que cada criatura tem seu lugar, seu sentido e sua finalidade. O todo funcionaria, portanto, como uma sinfonia, nesta visão orgânica da Criação, e é o pecado o causador da desordem, a provocadora dos males e das crises, como os cismas e as heresias. Ela não poderia, portanto, denunciar a desordem enquanto ela mesma agia de modo desordenado, colocando-se deliberadamente, em nome próprio, num lugar que não lhe era destinado, enquanto mulher. A harmonia dependia do cumprimento dos papéis instituídos por Deus, portanto, ela só poderia colocar-se neste lugar elevado por uma clara intervenção divina:

Era o acesso direto ao divino que constituía a base do poder dessas mulheres, algo plenamente reconhecido, por exemplo, pelos clérigos que lhes pediam respostas diretas para questões teológicas complexas que o debate acadêmico não conseguia resolver (Cf. Minnis, 2010, p. 68)

A atuação pública de Hildegard era conveniente, portanto, por viver em “tempos afeminados”, mas não apenas: a doutrina pregada pelos cátaros configurava uma grave ameaça à Igreja Católica do século XII por diversos motivos: suas crenças contrapunham as doutrinas católicas da Encarnação, Ressurreição, Purgatório, Eucaristia, Matrimônio e Batismo. Os cátaros não reconheciam que a eucaristia era o corpo de Cristo, não acreditavam que Cristo havia, de fato, assumido forma humana e morrido na cruz, nem aceitavam a doutrina do purgatório.

Estas afirmações eram um ataque direto a verdades de fé católicas, descaracterizando a doutrina da redenção e esvaziando de significado o sacrifício de Cristo e o sacramento do altar (Cf. Elliott, 2010). Ademais, os *Perfecti* eram confundidos com santos - pelo estilo de vida de renúncia radical, pelo ascetismo e pela estrita observância de regras morais - e vistos como superiores ao clero corrupto e imoral. Muitos católicos já não sabiam a quem dar ouvidos e até padres eram encontrados propagando a doutrina cátara.

A vida, a pregação e a espiritualidade das mulheres místicas, como Hildegard e as místicas alemãs dos séculos XIII, era um antídoto para este problema: a extrema devoção à eucaristia, a intensidade e os sacrifícios corpóreos na busca pela configuração a Cristo, a meditação sobre a humanidade de Cristo, sua encarnação, paixão e morte, focando no corpo, no sangue, na carne e no coração, desempenhavam uma função didática e propagandística na luta contra a heresia (Cf. Bynum, 1983). Não por acaso, teólogos que se envolveram ativamente nas Cruzadas e no combate aos cátaros, como Jacques de Vitry e Bernard de Clairvaux, também se colocaram a favor de mulheres místicas (Cf. Kerby-Fulton, 2003).

A Igreja Católica não permitiria que a natureza humana de Cristo e a eucaristia fossem desprezadas, tampouco que a imoralidade e indolência do clero deixassem os leigos católicos confusos, vulneráveis e entregues a doutrinas heterodoxas: era conveniente o estímulo à devoção eucarística e à piedade promovidas pelas mulheres e sua espiritualidade centrada na humanidade de Cristo (Cf. Bynum, 1983). Hildegard von Bingen está no princípio desta devoção, que irá se desenvolver com as místicas da Renânia do século seguinte.

Se nos primeiros séculos, o corpo era visto como um obstáculo ou um problema, com o novo foco devocional na Paixão de Cristo, ele passou a ser visto como instrumento de salvação, e a espiritualidade feminina foi enraizada na corporeidade (Cf. Elliott, 2010). A cristandade latina vivenciava uma democratização e feminização da santidade e da linguagem religiosa, como demonstrou Bynum (1983), que aumentou nos séculos seguintes.

O aumento do valor de virtudes “femininas”, como misericórdia e amor; o elogio à fraqueza, à penitência e à humildade, ao sofrimento e à vulnerabilidade; a crescente devoção a figuras femininas, como Maria, Maria Madalena, e Santa Úrsula; a influência de Elisabeth von Schönau e Hildegard; a propagação das Vidas de mulheres santas; a profusão de composições sobre a Mãe e sobre a Igreja, podem ser compreendidos também como representações do feminino na religião. Neste sentido, os tempos eram afeminados - de fato, e num sentido positivo (Cf. Bynum, 1983; Newman, 1998).

Mulheres místicas, como Hildegard, também ajudaram no estabelecimento da doutrina do purgatório, rejeitada pelos cátaros. Suas visões e ensinamentos lançaram luz sobre este tema, e suas orações e práticas ascéticas ajudaram a libertar almas de lá. Ademais, estas mulheres devotas davam muita atenção e tinham muito cuidado com as almas e com os doentes, o que certamente agradava as autoridades eclesiásticas (Cf. Minnis, 2010).

A autoridade espiritual fazia com que não apenas os atos, mas as próprias orações mentais de Hildegard tivessem muito peso e influenciassem até mesmo a política e as decisões dos poderosos da época. Colocar-se contra ela era colocar-se contra Deus, e fazer algo contra a vontade dela, que é a de Deus, poderia ser perigoso: virar alvo de orações dela poderia ser quase como atrair para si uma "maldição", no sentido de que coisas ruins poderiam acontecer a quem se opusesse ou fosse um obstáculo no caminho dela.

Por exemplo, a freira Richardis von Stade, que deixou o convento de Hildegard contra a vontade dela, se arrependeu, mas não teve tempo de voltar ao mosteiro para fazer as pazes com Hildegard, pois ela faleceu (Cf. Bynum, 1983). A sucessão dos eventos, o intervalo de tempo entre eles e o fato de que Hildegard havia antecipado por carta que algo ruim poderia acontecer fez com que o falecimento fosse interpretado como um castigo divino pela desobediência. Isso inspirava temor de Hildegard nas pessoas, pois havia um certo respeito proveniente do medo.

O inverso também é verdadeiro: as orações "privadas" de indivíduos santos, sejam religiosos ou leigos, homens ou mulheres, são extremamente agradáveis a Deus. (...) A pureza de vida e de mente conferia poder às orações pessoais, e assim as intercessões das mulheres santas eram de considerável valor, avidamente buscadas por suplicantes de ambos os sexos, em favor dos vivos e dos mortos (Minnis, 2010, p. 73).

Além das orações, estas mulheres místicas e santas faziam milagres, auxiliavam na autenticação de relíquias (Cf. Bynum, 1983) e tornavam-se elas mesmas, após a morte, fontes de relíquias, pois seus corpos santos continuavam a promover curas após a morte (Cf. Minnis, 2010).

É importante ainda destacar que estas mulheres não eram importantes apenas em relação à devoção eucarística, à compreensão do purgatório e ao combate às heresias: aquele era o tempo da ascensão das universidades e do pensamento escolástico. O mosteiro perdia a centralidade do fazer teológico em detrimento da escola (Cf. Minnis, 2010). Os teólogos monásticos críticos a este movimento acolheram as místicas e, com frequência, tanto viam nelas provas de que a sabedoria vinda do alto era superior à sabedoria dos manuais e das universidades, como também recorriam a elas para compreender melhor os dilemas da teologia.

4. HILDEGARD, O CRISTIANISMO E A RETÓRICA DA INVERSÃO

É importante destacar que a autoridade de Hildegard foi reconhecida e aceita também pelo modo como ela se apresentava: sempre como alguém inferior, que reconhece as próprias limitações e só fala por obediência à ordem divina. Para além da humildade, vê-se claramente o uso de inversões paradoxais, que é muito comum no Cristianismo, religião em que o Deus onipotente torna-se criança dependente; o Rei nasce numa manjedoura; o Senhor é Servo; Deus morre; Deus esconde dos sábios e revela aos pequeninos; a morte gera a vida; os últimos serão os primeiros; o menor é maior; renunciar é possuir; dar é receber; sofrer é alegrar-se; a pobreza enriquece; o fraco é que é forte; quem quiser ser grande deve ser servo; quem perder sua vida a salvará; a obediência liberta; o sofrimento é remédio; derrota é glória; cruz é símbolo de vitória; a glória passa pela humilhação etc.

A retórica da inversão consiste em afirmar o contrário do que o senso comum consideraria lógico, apresentando uma verdade mais profunda através desta articulação paradoxal (cf. Dietrich, 1997). Este tipo de inversão é uma das notas distintivas do Cristianismo e é ele que permite à Igreja validar a voz marginal, transformando o que era visto como incapacidade ou impedimento em prova de eleição divina, contrariando todas as expectativas, e evidenciando que a verdadeira grandeza consiste em fazer a vontade de Deus e independe de critérios humanos.

A retórica paradoxal, presente no cerne do Cristianismo, estruturando sua noção de autoridade, propõe que esta não depende da força e da inteligência, mas da eleição divina e da revelação. Deste modo, pessoas que facilmente seriam consideradas incapazes e fracas - como Pedro e João (Ato, 4,13), que são chamados, na Bíblia, de “homens simples e sem instrução” - assumem, no Cristianismo, funções de destaque, incluindo o exercício do magistério e da correção.

As redefinições de poder e hierarquia trazidas por Hildegard são motivadas pela compreensão da essência do Cristianismo: “Essa figura é fundamental para a retórica cristã, com raízes em passagens bíblicas como ‘Aquela pedra que foi rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular’, ‘Os últimos serão os primeiros’ e ‘Quem quiser salvar a sua vida terá que perdê-la’” (Dietrich, 1997, p. 202). Elas costumam compor o discurso profético e também aparecem com frequência no Novo Testamento e nos retóricos medievais, para aumentar a força persuasiva.

A inversão cristã, que tem como âmago a imagem do Senhor crucificado - cuja vitória definitiva está na “derrota” e cuja morte dá a vida -, abre, dentro da Igreja, desde a raiz da Fé e do seu Fundador, espaços de atuação para categorias sociais tradicionalmente excluídas, inclusive mulheres (Cf. Dietrich, 1997). O Cristianismo, portanto, institui uma nova lógica, que confere legitimidade ao fraco enquanto escolhido e iluminado por Deus.

Vê-se que há, no íntimo do Cristianismo, a abertura para a defesa de uma narrativa “subversiva” que é oposta à linha natural de raciocínio e pode ser inclusive escandalosa para muitos. Segundo essa lógica transgressora, o maior pecador pode tornar-se o maior santo - e é, inclusive, por esta crença que, na Idade Média, floresce o culto a Maria Madalena, a penitente que encontrou graça diante de Deus (Cf. Elliott, 2010).

Assim, invertendo a lógica esperada e espelhando a lógica cristã, Hildegard, em vez de reivindicar capacidade, inteligência, força e legitimidade próprias, escolhe apresentar-se como pobre mulher fraca, incapaz, ignorante - indícios de eleição divina -, que só fala por obediência a Deus. É desta tensão entre a inferioridade assumida e a grande missão divina imposta que nasce a autoridade profética dela, em total consonância com o anúncio cristão e em oposição à lógica do mundo (Cf. Dietrich, 1997).

Assim, as mulheres podem reivindicar autoridade não apesar de sua posição inferior (dentro do contexto apresentado), mas precisamente por causa dela - trata-se, estrategicamente, da assunção consciente de um lugar de inferioridade e da apropriação, como verdadeira, de uma qualificação pejorativa, para então colocar-se no centro das discussões de seu tempo e anunciar a mensagem de Deus.

Segundo este paradoxo, quanto mais fraca se declara, mais forte é a sua palavra, pois a origem é naturalmente deslocada dela para Deus: a voz é dela e o corpo que anuncia também, mas ela não fala por si, é Deus que fala para ela, nela e através dela, uma mulher que, por si mesma, estaria completamente excluída dos meios tradicionais de autoridade teológica, cujo valor é dado à erudição e ao posto hierárquico.

Apresentar-se como uma mulher fraca e sem instrução, escolhida por sua pequenez para afirmar o que os doutos não veem é sinal da autenticidade da visão e da inspiração divina. Deste modo, ela não apenas fala, como visto no segundo tópico, mas corrige abades, teólogos, papas, reis e até o imperador, e faz isto porque “Deus escolhe os fracos para confundir os fortes” (1Cor. 1, 27-28).

A inversão retórica usada por Hildegard serve também como uma espécie de “cinturão argumentativo” que a protege de contra-argumentos: se ela é ignorante e fala coisas elevadas, não pode ser ela a fonte; logo, resistir a ela é resistir à vontade divina. A recepção de Hildegard confirma quão eficaz esta estratégia é, visto que teólogos respeitados reconheceram o caráter divino de suas visões precisamente porque tudo estava conforme o modelo divino de eleição paradoxal (Cf. Dietrich, 1997).

Assim, Hildegard não apenas é um caso de sucesso de uso da inversão retórica: ela também demonstra que esta serve como critério para o seu reconhecimento, que sempre está conforme as afirmações de que Deus resiste aos soberbos, mas concede graça aos humildes; e eleva os fracos, confunde os fortes e faz ressoar a Sua voz por meio daqueles a quem o mundo costuma ignorar (Cf. Tinkle, 2010).

CONCLUSÃO

Neste artigo, após apresentar a biografia de Hildegard, destacando os acontecimentos mais importantes que ilustram o exercício de sua autoridade, afirmou-se que Deus é a fonte da autoridade dela e que o endosso de Bernard de Clairvaux e a aprovação papal foram muito úteis para o reconhecimento da autoridade de Hildegard, legitimando seus textos, viagens e pregações. A citação de cartas e de um dos sermões ilustrou o tom severo com o qual, por vezes, Deus falava por meio dela.

Essa atuação pública, que era legitimada por poderosos ao mesmo tempo em que os denunciava, foi abordada no terceiro tópico do artigo. Primeiramente, a noção de “muliebre tempus”, a crise de credibilidade e o vácuo de autoridade percebido na época, que tornou a voz feminina, justamente por ser externa ao poder institucional, fonte legítima de credibilidade e ensino.

Além disso, mostrou-se que as visões e falas de Hildegard eram convenientes e úteis para a Igreja. Seu ensino ortodoxo era vital para a instituição em um período de intensa propagação da doutrina cátara. E a espiritualidade eclesial de Hildegard, com sua ênfase na Eucaristia e seu ensino sobre o purgatório, serviu de forte contraponto teológico às negações dos cátaros.

Por fim, foi apresentado o mecanismo central que tornou essa autoridade culturalmente plausível: a retórica da inversão. Este princípio é encontrado nos textos de Hildegard desde o começo de sua vida pública. Conclui-se, portanto, que a construção da autoridade feminina de Hildegard von Bingen foi resultado de inspiração divina, circunstância histórica e social, e domínio da retórica da inversão, fazendo dela um farol de legitimidade e ortodoxia no turbulento século XII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYNUM, C. **Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages**. California: Berkeley, 1983.
- DIETRICH, Julia. "The Visionary Rhetoric of Hildegard of Bingen". In: WERTHEIMER, Molly Meijer (ed.). **Listening to Their Voices: The Rhetorical Activities Of Historical Women**. Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press, 1997.
- ELLEDGE, Allison J. **Publicity through the voice of God: Hildegard of Bingen as a Public Figure in the Twelfth Century**. Graduate Paper, University of Tennessee Knoxville, 2009.
- ELLIOTT, Dyan. "Flesh and Spirit: The Female Body". In: MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (eds.). **Medieval Holy Women in the Christian Tradition**. Turnhout: Brepols, 2010.
- FERNÁNDEZ, Isabel T. "Algunas consideraciones sobre la figura de Hildegard von Bingen", em **Territorio, Sociedad y Poder**, N.º 4, 2009, p. 131-150.
- FERRANTE, Joan M. "What Really Matters in Medieval Women's Correspondence" in **Medieval Letters: Between Fiction And Document**, Christian Høgel and Elisabetta Bartoli eds. Turnhout: Brepols, 2015, p. 179-199.
- FLANAGAN, Sabina. **Hildegard of Bingen: a Visionary Life**. Londres: Routledge, 1998.
- FRAETERS, V. e GIER, Imke de (eds.). **MULIERES RELIGIOSAE Shaping Female Spiritual Authority in the Medieval and Early Modern Periods**. Turnhout: Brepols, 2014.
- GARBER, Rebecca L. R. "Introdução" in: **FEMININE FIGURAE Representations of Gender in Religious Texts by Medieval German Women Writers 1100-1375**. New York: Routledge, 2003.
- HILDEGARDA DE BINGEN. **Scivias**. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.
- HILDEGARD VON BINGEN E THEODORIC VON ECHTERNACH. Victoria Cirlot (ed). **Vida y Visiones de Hildegard von Bingen**. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

- HILDEGARD VON BINGEN. **The Letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994.
- KERBY-FULTON, Kathryn. "Hildegard of Bingen". In: **The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KERBY-FULTON, Kathryn. "Prophet and Reformer: 'Smoke in the Vineyard'." In Barbara Newman, ed., **Voice of the Living Light: Hildegard of Bingen and her World**. Berkeley: University of California Press, 1998, p.70-90.
- MINNIS, Alastair. "Religious Roles: Public and Private". In: MINNIS, Alastair e VOADEN, Rosalynn. **Medieval Holy Women in the Christian Tradition c. 1100– c. 1500**. Vol. 1. Turnhout: Brepols, 2010.
- MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn. "Introdução". In: **Medieval Holy Women in the Christian Tradition**. Turnhout: Brepols, 2010.
- MINNIS, Alastair e VOADEN, Rosalynn. **Medieval Holy Women in the Christian Tradition c. 1100– c. 1500**. Vol. 1. Turnhout: Brepols, 2010.
- MÜLDER-BAKKER, Anneke B. "HOLY WOMEN IN THE GERMAN TERRITORIES: A SURVEY" in: MINNIS, Alastair e VOADEN, Rosalynn. **Medieval Holy Women in the Christian Tradition c. 1100– c. 1500**. Vol. 1. Turnhout: Brepols, 2010.
- NEWMAN, Barbara. **From Virile Woman to WomanChrist Studies in Medieval Religion and Literature**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- NEWMAN, Barbara. **Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine**. Berkeley: University of California Press, 1987.
- NEWMAN, Barbara. **Voice of the Living Light. Hildegard of Bingen and Her World**. Berkeley: University of California Press, 1998.
- PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- SAMS, K. "Hildegard of Bingen: More Than a Visionary, an Authority". **Church History Studies**, [S.l.], v. 24, p. 201-229, 2007.
- TINKLE, Theresa. **Gender and Power in Medieval Exegesis**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

Notas

¹ Licenciada em História (UCDB), especialista em História do Cristianismo (UCP).

² Licenciada e Letras e em Filosofia (UFRN), Mestre em Filosofia (UEPB), Doutora em Filosofia (Universidade de Coimbra), Professora de Filosofia (UEPB);

³ Assim ela relata o acontecimento, no prólogo do seu primeiro livro visionário, *Scivias* (1141 - 1151): “No ano 1141 da Encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, quando eu tinha quarenta e dois anos e sete meses de idade, o céu abriu-se e uma luz fulgurante de brilho excepcional veio e pervagou todo o meu cérebro e inflamou todo o meu coração e todo o meu peito, não como um ardor, mas como uma cálida chama, como o Sol aquece qualquer coisa que seus raios tocam. E imediatamente eu soube o significado da explicação das Escrituras, isto é, do Saltério, do Evangelho e de outros livros católicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, embora eu não tivesse a interpretação das palavras de seus textos ou a divisão das sílabas ou o conhecimento dos casos ou tempos” (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 96).

⁴ “Bom e doce pai, fui colocada sob teus cuidados para que possas me revelar, por meio de nossa correspondência, se devo falar estas coisas abertamente ou manter silêncio, porque tenho imensa preocupação em relação a essa visão e ao quanto devo revelar do que vi e ouvi. Enquanto isso, porque me calei sobre essa visão, estou prostrada, acometida por enfermidades, e não consigo sequer me levantar” (Hildegarda de Bingen, 1994, p. 28)

⁵ “Por um tempo não consegui ver nenhuma luz por causa de uma névoa nos meus olhos e um peso pressionava meu corpo de modo que eu não conseguia me levantar e caí com dores tremendas. Sofri isso por não manifestar a visão que me foi mostrada, sobre a mudança que deveria fazer do lugar onde havia sido consagrada a Deus para outro, junto com minhas freiras. Eu aguentei isso até que nomeei o lugar em que estou agora, e imediatamente recuperei a visão me sentindo mais leve, mas não me libertei completamente da doença” (Idem, 2001, p. 55)

⁶ “Assim pois, com a permissão do arcebispo, nos mudamos para este lugar acompanhadas por uma grande comitiva de parentes e outros homens no temor de Deus” (Hildegard of Bingen, 2001, p. 55).

⁷ “Quando estava escrevendo o livro *Scivias*, tinha um grande amor por uma nobre freira, filha da citada marquesa, como Paulo a Timóteo. Juntou-se a mim em tudo através de uma amizade amorosa, compartilhando comigo os sofrimentos até que terminasse aquele livro. Mas por causa de sua linhagem distinta, ela se inclinou por uma posição mais elevada e quis ser nomeada madre de um mosteiro importante, o que ambicionava não tanto de acordo com Deus, mas de acordo com a honra secular. Depois que ela se mudou para um lugar distante de nós, e se afastou de mim, logo perdeu a vida presente, com o nome de sua dignidade” (Hildegard of Bingen, 2001, p. 57).

⁸ Carta 241r: “Por que, então, não coram quando, embora tenham sido puxados como labregos da estrebaria dos jumentos, e altamente honrados com ritos de santificação pelo Senhor celestial, voltam correndo para lá? Oh, ai!” (Hildegard of Bingen, 2004, p. 40)

⁹ Carta 252: “Quem deliberada e avarentamente se apodera de um ofício pastoral como um ladrão não deve de modo algum ser chamado de “pai”. Tais pessoas agem como os samaritanos, que foram divididos em duas partes, uma com ídolos, a outra com a Lei Antiga. Deve-se fugir imediatamente dessas coisas e tornar-se companheiro dos pequeninos de Deus. Estas palavras devem ser observadas!” (Ibid, p. 50)

¹⁰ Carta 08: “Portanto, ó homem, tu, que estás sentado no trono papal, desprezas a Deus quando abraças o mal. Pois, ao deixar de levantar a voz contra o mal daqueles em tua companhia, certamente não estás rejeitando o mal, em vez disso, o estás osculando. E assim o mundo inteiro vai sendo desviado pelo grave erro, porque as pessoas amam aquilo que Deus despreza” (Hildegard of Bingen, 1994, p.41)

¹¹ Carta 311: “ó homem, refreie teus prazeres e corrija-te, para que possas vir purificado naquele tempo em que não precisarás mais corar por teus atos” (Ibid, p. 109)

¹² Carta 315: “Ai, ai da malícia dos ímpios que me desafiam! Ouça isso, ó rei, se deseja viver; caso contrário, minha espada o trespassará” (Ibid, p. 114)

¹³ “Quanto a qualquer um que rejeitar as palavras místicas deste livro, eu, o Senhor, estenderei meu arco contra ele e o trespassarei com as flechas da minha aljava, lançarei sua coroa de sua cabeça e o farei como aqueles que caíram sobre Horebe quando murmuraram contra mim. Mas, quanto a qualquer um que maldisser esta profecia, que a maldição que Isaac proferiu recaia sobre ele” (Hildegard von Bingen apud Sams, 2007, p.13).